



CAÇA DO CONDOR.

Entre os antigos peruvianos, o condor era o emblema da força e coragem. «O condor, todavia, afirma um habil observador, que o tem estudado nos perigosos pinaculos que habita, é muito menos temivel que certas aves de rapina de volume infinitamente menor. A natureza, dando-lhe aspecto terrivel, munio-o d'armas comparativamente fracas.» — «As suas garras, diz

VOL. II — 4.ª SERIE.

FEVEREIRO, 20, 1858.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES



mr. Gay, não podem de modo nenhum oppor-se as do falcão e as da aguia; são mais direitas do que curvas, e não terminam pelas pontas agudas e aduncas que tanta facilidade dão aos seus congêneres para atacar com vantagem certos animaes, e para os devorar em sitio que offereça simultaneamente a este tyranno dos Andes solidão e segurança. Ainda que o condor seja bastante forte, o bico não lhe permite despedaçar com facilidade a carne resistente e ainda palpitante dos animaes. Destinado a alimentar-se de carnes mais ou menos corrompidas, é necessario, para se entregar á caça dos animaes vivos, que seja constrangido pela fome. Entretanto, não é raro vê-lo atacar grandes quadrupedes para se apoderar dos filhos. A audacia d'estas aves chega a ponto de arrebatarem os vitellos, ainda sob a protecção das mães; n'esta circumstancia, esquecem os seus habitos de vida solitaria, e juntam-se em grande numero para fazerem frente a um inimigo, que com razão julgam superior pela força e pelas armas de que a natureza o munio; o instincto suggerelhes mesmo um meio d'ataque a que aquellas mães não podem resistir: formando um grande circulo ao redor da vaca, levantam-se sobre as pernas, e depois, estendendo as azas, sacodem-nas com força; o estrondo augmenta, porque estas terriveis aves produzem taes ascovios que, vencida antes pelo temor do que pela força dos inimigos, a pobre vaca foge assustada com extrema precipitação, tendo de abandonar o filho á voracidade d'estes passaros sempre esfaimados, ainda que podem supportar por muito tempo a fome. A opinião geral dos chilenses é que podem estar até quarenta dias sem nenhum alimento.

Assim acaba a narração, repetida por tantos viajantes, que nos representa o condor em sociedade caçando um vitello adulto, e picando com o formidavel bico os olhos do pobre animal, que, cego, facilmente é presa sua. Estas aves nunca são tão ousadas como quando se juntam; e nas informações exactas e curiosas que foram dadas a mr. du Petit-Thouars sobre uma caçada d'este genero, as aves eram tres.

Sempre esfaimados, os condores são no Peru e Chili o mesmo que os lobos ainda em muitas localidades da Europa. Sendo o terror dos rebanhos e dos pastores, os habitantes dos Andes nada despresam para os destruir. Á primeira vista, pensando na maneira como se faz a caça, lembra perguntar porque prodigio de desgraçada astucia este gigantesco habitante das mais altas montanhas d'America desce a entregar-se assim á morte em um recinto de alguns metros; o espirito procura adivinhar porque é que um passaro, que sobe a altura que cansa a vista, pode achar tão miseravel fim. Nada, comtudo, é mais simples do que esta caça, e para a fazer é bastante ao pastor dos Andes a observação assaz ligeira dos habitos immundos do inimigo dos seus rebanhos.

Deixaremos fallar um observador exacto, ao

qual não parece ter sido estranha nenhuma particularidade d'esta scena (\*).

«Quando o mordomo de qualquer *hacienda* recebe ordem de preparar uma partida de caça ao condor, e se lhe indica o sitio em que deve ter logar, faz transportar para o terreno designado todos os materiaes necessarios aos preparativos, que consistem simplesmente em formar um recinto de dez a doze metros de diametro por meio de varas que se cravam na terra, muito juntas umas ás outras, dispondo uma porta de metro de largura sobre egual altura. Logo que o recinto está concluido, põe-se no centro o animal esfolado que deve servir d'isca; é preciso esperar dois ou tres dias, e algumas vezes quatro, para que o animal entre em putrefacção. Espreitam esta epoca com cuidado, e estão promptos a começar a caça chegado o momento, isto é, tão depressa se observa que os condores começam a pairar por cima do recinto. Então os caçadores vão para o sitio, e depois de terem feito desviar os cavallos, que conduzem para o abrigo de alguma quebrada, escondem-se na *ramada*, cabana de folhagem preparada para este effeito junto ao recinto, afim de se occultarem á vista dos condores, podendo comtudo ver a scena que vae seguir-se. Esperam assim pacientemente, algumas vezes horas inteiras, que os condores, cujo numero augmenta a cada instante, mas que a desconfiança tem por muito tempo indecisos, se arrojem sobre a presa; porque só depois de terem pairado, e baixado muitas vezes, e a miudo perto da isca, cujo cheiro os enebria, erguendo-se outras tantas muito alto, é que descem enfim para poisar. Logo que um condor, menos experiente ou mais esfomeado que os outros, poisa, é seguido immediatamente por todos os outros; então fecha-se a porta do recinto por meio d'um cordão disposto para este fim. Vê-se muitas vezes grande numero de condores descer assim sobre a mesma presa, e não é raro contar trinta. Quando estas aves começam a devorar o animal que lhes serve de pasto, podem, sem haver medo de que se espantem, ser vistas de mais perto; ellas fixam então sobre os curiosos o seu olho negro e penetrante, mas continuam o festim.

«Quando o condor está farto, torna-se pesado e não pode voar sem correr muito antes de se elevar ao ar; por isso nunca se fecha o recinto por cima, porque elles não podem sair por esse lado; para fugirem tem de passar pela porta: é ahi que os esperam. Os caçadores, armados de paus ferrados, põem-se em duas fileiras, uma de cada lado da passagem; outros collocam-se detraz d'estes, armados d'espingardas carregadas com bala para atirar aos condores, que algumas vezes conseguem fugir.»

Como se vê, a matança das aves é praticada por todos os meios que o homem pode haver da

(\*) Abel du Petit-Thouars, *Viagem á roda do mundo na fragata Venus, nos annos de 1836, 1837, 1838 e 1839*; Paris, 1841 8.º



sua força e industria; mas nem sempre é sem perigo para os que são actores n'esta estranha scena.

Na scena narrada de maneira tão pittoresca e animada por mr. Gay, a arma de fogo é substituida pelo *laço*, arma não menos terrivel nas mãos do peruviano, que sabe servir-se d'ella com destreza que se não pode egualar; a verdade, porém, obriga-nos a dizer que o seu emprego n'estas circumstancias não é de modo nenhum ordenado pelas exigencias do combate.

## O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

Continuação. \*

V

O abbade ficou abatido e quasi aniquilado com este terrivel espectaculo; encaminhou-se para o oratorio sem saber bem o que fazia. Custou-lhe a acalmar a agitação nervosa em que estava, e a conciliar as idéas que se lhe succediam na cabeça tumultuosamente umas apoz outras. Assim esteve algum tempo, quando sentiu alguém entrar cautelosamente no seu quarto. Não ousou voltar-se, tal era o receio de ver Demdike, mas o seu temor foi desvanecido quando uma voz conhecida lhe bradou:

—Vinde comigo, senhor abbade, vinde depressa.

Levantando então os olhos, divisou ao pé de si um rustico descalço e armado de uma grande faca.

—Não me conheceis, senhor abbade? tornou este. Sou Henrique Vals. Não ha que ter medo, tenho uma escada encostada á janella do vosso quarto por onde entrei, e o moleiro Abel Croft está em baixo á vossa espera. Vinde depressa, fallae baixinho para que nos não ouça a sentinella.

—Não posso, meu bom Henrique, respondeu o abbade, mas não deixo de apreciar a tua dedicação por mim. Dei a minha palavra ao conde de Derby que não havia de fugir, e ainda que as portas estivessem abertas de par em par, e não houvessem sentinellas, ficaria aonde estou.

—Quereis ficar e morrer! exclamou Henrique. Mas eu digo que não hade ser assim; se promettestes não fugir, eu jurei que havia de restituir-vos a liberdade e heide cumprir o que jurei.

—É totalmente inutil tudo quanto possas dizer; a minha resolução é inabalavel. Vae-te d'aqui depressa, não desejo que corras perigo por minha causa.

—Mas que heide eu dizer a Abel Croft? disse Henrique; se me vir só, hade suppor que não tive resolução para vir até aqui. Chegae sómen-

te á janella, senhor abbade, e dizei-lhe que não quereis fugir.

O abbade chegou á janella aonde estava collocada a escada.

—É necessario descer alguns degraus, disse Henrique, ou elle não vos poderá ouvir.

O abbade assim fez. A meio caminho parou e disse para Henrique:

—Não vejo ninguem.

—É porque a noite está escura, respondeu este que o seguia de perto; mas elle hade estar por ahi, descei ainda mais um bocadinho.

—O abbade não teve outro remedio senão condescender com o que lhe pedia Henrique, mas muito contra vontade. Quando acabaram de descer, Henrique pegou na escada, e atirando-a para o rio disse:

—Agora, senhor abbade, estaes livre contra a vossa vontade, e ambos cumprimos o que tinhamos promettido.

—Perdes-me com o teu mal cabido zelo! disse o abbade.

—Não é assim, salvei-vos de uma morte affrontosa e immerecida! exclamou o outro.

N'este tempo appareceu o moleiro, e os dois levaram o abbade, que já não resistia aos seus desejos, por um caminho encoberto até ao açude aonde entraram.

Mas já se tinha dado pela fuga do abbade, e apenas haviam fechado a porta appareceu o Scheriff com uma companhia de soldados procurando o fugitivo. Paslew pedia a todos que o deixassem cumprir o seu destino do qual sentia que não podia fugir; mas insistiram com elle para se não entregar: fizeram-no portanto descer por um alçapão que dava para o rio, e escondeuse, com Henrique Vals que o acompanhava, atraz da roda do moinho aonde lhe chegava a agua por cima dos hombros.

—O sitio fôra bem escolhido: os soldados já se retiravam, depois de terem esquadrinhado tudo, quando o abbade e o seu companheiro, julgando ser a occasião opportuna, saíram pelo rio abaixo em direcção opposta aos seus perseguidores, com o intento de alcançar uma paragem aonde já os esperava um camponez com dois cavallos. Ao sair do rio encontrou-se o abbade com Demdike, que deu logo signal aos soldados, e Henrique Vals que ainda estava dentro d'agua foi accommettido pelo cão do feiticeiro.

Era impossivel a resistencia. O abbade voltou para a prisão, e todas as tentativas que o povo fez depois, para o salvar, foram baldadas. Comtudo adiara-se o supplicio, porque não se encontrara carrasco. Demdike, fiel aos seus propositos de vingança, e implacavel no seu odio, offereceu-se. O conde de Derby ancioso de pôr termo a esta lucta, que poderia, n'um relance, atear-se de novo, acceitou a sua offerta. Era o rosto de Demdike, que o abbade havia de contemplar nos ultimos paroxismos da agonia extrema.

Continua.

(\*) Do num. 30, do vol. antecedente.



## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

DESDE O REINADO DE HUGO CAPETO, CHEFE DOS REIS DA TERCEIRA RAÇA, ATÉ AO DE S. LUIZ.

## I

*Hugo Capeto.*

987 — 993. Hugo Capeto teve o mesmo comportamento de Pepino para segurar a corôa; lisonjeou os grandes, procurou agradar ao clero por um especioso exterior de religião, até ao ponto de levar aos hombros o relicario de S. Riquier, muito reverenciado n'aquelle tempo, e era affavel com todos. Entretanto os primeiros quatro annos do seu reinado não foram tranquilos. Carlos, duque da baixa Lorraine, irmão de Lotario, e tio do ultimo rei, sustentado por alguns fidalgos poderosos, pretendia abertamente o throno. Mas este principe foi enfim vencido, feito prisioneiro, conduzido a Orleans, e mettido n'uma prisão, onde morreu, deixando o seu rival pacifico possuidor do diadema de seus antepassados.

998. Hugo associou Roberto, seu filho mais velho, ao poder, e morreu no decimo anno do seu reinado, com cincoenta e cinco d'idade. Se usurpou o sceptro, mostrou-se todavia digno de o possuir.

*Roberto.*

998. O novo rei, que fôra sagrado em vida de seu pae, tinha esposado Bertha, sua prima, filha de Conrado, duque de Borgonha. O papa Gregorio v declarou este casamento nullo, e excommungou o monarcha; attentado inaudito até então em França. Este anathema produziu tanto effeito, que todos os cortezãos e servidores do principe se separaram d'elle. Só lhe ficaram dois criados, que, cheios de horror para tudo em que elle pegava, passavam pelo fogo até os pratos em que tinha comido, e os copos por onde bebera. Um historiador assaz credulo refere que, em castigo d'este pretendido incesto, a rainha dera á luz um monstro que tinha a cabeça e o pescoço de raposa: accrescenta-se que Roberto ficou tão impressionado d'esta especie de prodigio, que se separou de sua mulher, e desposou *Constança*, filha de Guilherme, conde d'Arles e de Provença, princeza altiva, que teria arruinado o reino, se a sabedoria do monarcha lhe não reprimisse a ambição.

1002. Roberto fez, durante treze annos, viva e sanguinolenta guerra ao duque *Otto-Guilherme* pelo ducado de Borgonha, cujo ultimo soberano, fallecido sem filhos, o tinha declarado herdeiro. Aniquilando por fim o inimigo, deu este bello apanagio a Henrique, seu segundo filho.

1017. O rei associou ao throno Hugo, seu filho mais velho, *Flor dos Mancebos*, e fel-o coroar em Capiègne, no dia de Pentecostes. O joven principe não empunhou o sceptro senão oito annos;

morreu, e seu pae deu-lhe por successor *Henrique*, novo duque de Borgonha, a quem fez sagrar em Reims em 1027. Roberto mereceu por sua sabedoria, que se lhe offercesse o imperio, e o reino d'Italia; mas recusou-os, e morreu em 1031, na idade de sessenta annos. O seu corpo foi enterrado em S. Diniz, no meio das lagrimas dos povos, que pagavam este glorioso testemunho á sua memoria, e faziam por elle os seguintes votos. «Em quanto Roberto foi rei, em quanto nos governou, não temiamos ninguem. Digne-se o Senhor conceder a salvação eterna a este principe tão bom, a este pae do senado e de todas as pessoas honradas! digne-se fazel-o subir promptamente ao ceo e assental-o ahi eternamente com Jesus Christo o rei dos reis!»

Roberto governou tanto as suas paixões como os seus povos. Sinceramente piedoso, nunca principe algum foi mais assiduo nos officios divinos. A sua caridade não tinha limites: sustentava por dia até mil pobres: na quinta-feira d'endoenças, lavava-lhes os pés, e servia-os de joelhos, coberto com um cilicio. Diz-se que Deus lhe concedeu a graça de curar os que tocava, fazendo sobre elles o signal da cruz. Eis provavelmente d'onde veio aos reis de França o uso de tocar os escrofulosos. A' devoção, Roberto juntava o saber, mas o saber digno do seu seculo. Compoz Responsorios, e Hymnos que ainda ha poucos annos se cantavam nas egrejas.

*Henrique I.*

1032. Posto que Henrique fosse collocado no throno por seu proprio pae, a rainha Constança quiz privar-o d'elle, para ahi fazer assentar Roberto, seu terceiro filho. O novo monarcha, protegido pelo duque de Normandia, obrigou a turbulenta princeza e seu irmão a pedir-lhe a paz. Cedeu porém a Roberto o ducado de Borgonha; e foi d'este principe que saiu a primeira raça dos duques de Borgonha de sangue real.

1051. Tendo o monarcha francez perdido sua primeira mulher, procurou segunda na Russia: esta foi *Anna*, filha de Joradissas, rei dos moscovitas. Com esta escolha, queria evitar as pendencias ecclesiasticas; porque então não era permittido esposar qualquer parenta no setimo grau.

1052. Henrique fez sagrar, em Reims, Filippe seu filho mais velho, e morreu pouco tempo depois, com trinta annos de reinado, e cincoenta e cinco d'idade, com reputação de grande capitão e de rei justo. Um remedio, tomado inopportunamente, terminou a sua carreira. Foi enterrado em S. Diniz.

*Filippe I.*

1061. O novo soberano tinha apenas oito annos; *Balduino*, conde de Flandres, foi declarado regente do reino, e desempenhou com zelo o emprego de tutor. Desbaratou os gascões que



queriam sublevar-se, e morreu, tendo o rei quinze annos d'idade.

1071. O moço príncipe declarou guerra a Roberto, o usurpador de Flandres em tempo d'Arnoul III, neto de Balduino seu bemfeitor; mas o exercito d'aquelle foi aniquilado junto de Cassel. Em seguida concluiu-se a paz; e o vencedor gosou tranquillamente da sua usurpação.

1087. Guilherme, a quem os seus triumphos fizeram chamar o Conquistador, duque de Normandia e rei d'Inglaterra, achava-se em rigorosa dieta em Rouen, para se alliviar d'uma gordura monstruosa. Philippe perguntou, gracejando, aos seus cortezãos: « Este homem não concluirá nunca o seu parto? » Guilherme, offendido do gracejo, fez-lhe responder que, quando tivesse parido, iria fazer as festas d'acção de graças a Santa Genoveva de Paris, com dez mil lanças á maneira de tochas. Com effeito, quando pôde montar a cavallo, assolou todo o Vexin francez, forçou e queimou Mantes, mas encolerisou-se tanto no ataque d'esta praça, que morreu pouco tempo depois.

1093. Philippe esqueceu na devassidão as desgraças da guerra. Desgostoso de sua mulher *Berta*, de quem tivera quatro filhos, raptou *Bertrade*, esposa do conde d'Anjou, e casou com ella. Um bispo de Beauvais abençoou esta escandalosa alliança; mas o papa Urbano II condemnou-a, e anathematisou-a nos proprios estados do rei, onde viera procurar asylo. Philippe, temendo a rebelião, prometeu separar-se de *Bertrade*; mas longé de cumprir a sua palavra, continuou a viver com ella, como se fôra esposa legitima, e provavelmente o veiu a ser, pois que os filhos que teve d'esta mulher foram declarados capazes de succeder na corôa.

1108. O voluptuoso monarcha morreu em Melun, com cincoenta e sete annos, depois de ter sido testemunha da primeira cruzada, em que não quiz tomar parte. O seu reinado foi o mais longo de quantos o precederam, á excepção do de Clotario, e de todos os que succederam a este, menos Luiz XIV. Foi celebre por muitos e grandes acontecimentos; mas Philippe, ainda que valoroso nos combates e sabio nos conselhos, não desempenhou nenhum papel importante. Appareceu tanto mais desprezível aos olhos dos seus vassallos, quanto o seculo era fecundo em heroes: a autoridade real enfraqueceu-se em suas mãos.

#### Luiz VI, o Gordo.

1109. Luiz, a quem a enormidade da estatura fez appellidar o Gordo, fôra ságrado em vida de seu pae; mas era uso que o príncipe associado fosse ságrado de novo, logo que viesse a ser unico possuidor do throno. Esta augusta cerimonia fez-se em Orléans: debalde se oppoz o arcebispo de Reims; o soberbo prelado foi obrigado a render homenagem ao seu rei. O poder do monarcha era bem limitado por causa dos

vastos dominios dos seus vassallos, que quasi todos levantavam sem cessar o estandarte da rebelião. Luiz enfraqueceu-os ou subjugou-os. Os senhores de Rochefort, de Puiset, e o conde de Coucy foram obrigados a submeter-se ao soberano, que triumphou tambem d'uma conjuração urdida por Philippe, seu irmão. Por esta corajosa actividade, o poder do soberano augmentou; a harmonia resnaceu; e, em menos de dois annos, tudo estrou na ordem.

1110. Começa aqui o implacavel odio que ha tanto tempo reina entre a França e a Inglaterra. A fortaleza de Gisors, situada na fronteira dos dois estados, foi a primeira causa de rompimento. *Henrique I*, rei de Inglaterra, e duque de Normandia, tinha-se apoderado d'ella, e o rei de França enviou-lhe um cartel. Aquelle respondeu que não tinha necessidade de se bater por um forte de que estava de posse. Em vez de combate singular, houve uma batalha, que foi como a semente de guerras interminaveis, muitas vezes interrompidas por tratados, mas em breve ateadas de novo pela ambição e antipathia. Luiz foi algumas vezes infeliz, mas sempre esforçado. Conta-se que, em uma refrega, um inglez lhe segurou as redeas do cavallo, gritando: « O rei está prisioneiro. » Sem se amedrontar com o perigo, Luiz disse: « Não sabes, que no xadrez nunca se prende o rei? » E no mesmo instante, lançou-o em terra morto com uma estocada.

1115. Luiz desposou Adelaide, filha de Humberto, conde de Maurianna e Saboia, mulher de raro merecimento. Reintegrou o conde d'Anjou no cargo de grã-seneschal de França, e declarou de novo guerra ao monarcha inglez. Ao principio as suas armas foram felizes; mas as intrigas de Henrique fizeram-lhe mudar a fortuna. Luiz foi batido em Brenneville, sem contudo perder muita gente; e esta derrota estabeleceu a paz entre ambos os principes.

1123. Esta porém não foi de longa duração. Henrique chegou ao extremo d'induzir o imperador a lançar-se nos estados do seu rival. O novo inimigo aproximou-se com tropas numerosas; mas toda a França voou em soccorro do rei. Duzentos mil homens se oppozeram ao príncipe alemão, que se não atreveu a comprometter-se contra forças tão consideraveis, deixando o inglez na necessidade de convencionar ainda uma vez com Luiz.

1126. O conde d'Auvergne inquietava o bispo de Clermont. O rei soube-o, e apressou-se a defender o prelado, reprimindo o usurpador. Este serviço, feito a um arcebispo, provava o apego e zelo do monarcha pelo clero. Não obstante, isso não impedia que o de Paris o excommunhasse, porque ousara pôr freio á sua criminosa ambição. S. Bernardo, cego pelos prejuizos do seu seculo, apoiou a insolencia do pontifice, do qual o generoso Luiz em breve triumphou pelos seus beneficios.

Continua.



## CHRONICAS MONASTICAS

DA COMPANHIA DE JESUS

## III

*Casa de S. Roque.*

Continuação. \*

A paginas 74 do precedente volume, quando tratámos da pobreza da capella do Espirito Santo, dissemos que el-rei D. João v lhe dera galas esplendidas; reservando-nos para mais detida e explicativa noticia. Hoje satisfazemos ao empenho.

Quem tiver conhecimento da magnanimidade d'aquelle nosso monarcha, não estranhará o avultado da somma que a nova capella custou, que para muito mais era seu animo verdadeiramente real: quem a houver visitado sentirá, como nós sentimos, que um thesouro d'aquella natureza se fosse sepultar assim em logar tão escuro.

Como monumento de piedade é justificativo padrão que a deixou memoravel além d'outros que o mesmo rei em seu tempo fez erigir: como objecto d'arte é digno da admiração que estrangeiros e nacionaes lhe tributam.

Aos estrangeiros devemos agradecer aqui o afan com que buscam, vindo visitar-nos, admirar esta capella, porque lá fora corre mais memoranda noticia de sua maravilhosa fabrica do que no paiz a tem os nacionaes. Parece fatalidade, propria de portuguezes, apreciarem do estrangeiro muitas vezes insignificantes bagatellas, e darem-lhes estima só porque pertencem a outros, deixando de curar das obras primas que teem mais á mão aqui mesmo no reino! Perguntae a qualquer, com quem a fortuna fosse liberal, se já leu em vetustas paginas que o sincero amor de gloria e religião dos nossos maiores ahi estampou no reino, os maravilhosos feitos que ellas tão significativamente exprimem: se já admirou n'esses monumentos a fe robusta d'aquellas eras, que expressava em tão duradoiros hymnos o sentimento de gratidão que lhe ia por alma, revertendo a Deus, como supremo autor de toda a fortaleza, o heroico esforço com que taes feitos levavam a cabo! Responder-vos-ha que não: e aquelle que possa dizer-vos que visitou a Batalha, Thomar, Alcobaga, ou outro qualquer monumento, dirá ao mesmo tempo que por elles passou, não induzido pelo espirito de admiração a que tão maravilhosas fabricas convidam, mas pela força de negocios ou circumstancias que o chamavam a outro ponto, e por ali lhe levou caminho! Interrogae-o então sobre o mais afamado hotel de Londres, ou botequim parisiense, e responder-vos-ha immediatamente exaltando sua magnificencia ainda nas mais minuciosas particularidades, porque o espirito de admirar o estrangeiro o levou aquellas paragens!

(\*) Do n.º 16 do vol. antecedente.

Triste é que com este desprezo pelas coisas nacionaes ande tambem involvida a ignorancia d'aquellas que sem o máis leve incommodo se podem gosar; e que ainda, vendo-as, ou se não apreciam como merecem, ou se vá por ellas tão indifferente como se nada tivessem que prenda a attenção. Quantos não haverá por ahi que passando diariamente pela egreja de S. Roque só tenham noticia outiva d'esta capella, e nunca por propria inspecção?! Que ao menos recebam agora com prazer a descripção que vamos dar-lhes.

No anno de 1740 fez-se em Roma o modelo, que foi desenho de *Vanvitelli*. Era de madeira, imitando as côres das pedras com que tinha de ser fabricada, e os seus quadros pintados em pergaminho. D'este modelo se diz, que foi mandado guardar em deposito no thesouro da casa real, d'onde o retirou o architecto João Frederico Ludovice, levando-o para sua casa da Alfrobeira, e que por morte d'elle, em 1752, desapareceu.

Approvedo o modelo logo foi posto por obra na mesma cidade de Roma por varios artistas, d'entre os quaes nos chegou á noticia os nomes de *Massucci*, *Mayne*, *Rusconi*, e *Giusti*, que acompanharam a Lisboa as varias peças de que a capella se compõe, e a collocaram na egreja de S. Roque.

Antes de vir para Portugal foi sagrada no dia 15 de Dezembro de 1744, pelo papa *Benedicto xiv*, que n'ella disse missa de pontifical, e pela qual el-rei lhe mandou, a titulo de esmola, cem mil cruzados em oiro.

Eis o documento por onde consta a sua sagração:

«Anno do Senhor de 1744, aos 15 dias do mez de Dezembro, terça feira, oitava da festa da Conceição da Beatissima Virgem Maria, eu *Benedicto Decimo quarto*, Bispo da Egreja Catholica, «consagrei este altar, juntamente a capella que «mandou fazer-se de preciosas pedras, pelo querido nosso filho em Christo, *Dom João v*, illustre rei de Portugal e dos Algarves, para se collocar em Lisboa, na egreja de S. Roque; pelas «instancias feitas pelo mesmo rei a consagrei em «honra de S. João Baptista, e no sepulchro da arado mesmo altar inferi as reliquias do mesmo Precursor S. João Baptista, e dos Santos *André Apóstolo*, e *Benedicto Prospero Martyr*; e a todos, e «a cada um dos fieis christãos, não só hoje em Roma, assim como no dia, no qual em Lisboa pela «primeira vez se celebrar publicamente, sobre «este altar, o Sacro-Sacrificio da Missa, concedi «indulgencia plenaria, e no dia anniversario da «sagração d'este altar aquelles que o visitarem, «50 annos, e outras tantas quarentenas de verdadeiras indulgencias, na forma e costume da «Egreja. *Benedicto Decimo quarto*, Bispo da Catholica Egreja.»

Esta capella, depois de sagrada, esteve por alguns dias publica em Roma, onde foi admirado, como merecia, tal primor; e depois, separadas



todas as suas peças, cuidadosamente encaixotadas, se expediram para Portugal.

Entremos na sua descripção.

O arco que a forma é composto, na parte exterior, de agatha vermelha; e tem no remate as armas portuguezas, e dois anjos dos lados, tudo de marmore de Carrara.

Oito columnas da ordem corinthia, estriadas de lapis-lazuli, com seus filetes de bronze doirados, e as bases e capiteis de aprimorado e delicado lavor com os mesmos ornatos de bronze, adornam a capella. O seu entablamento é de jalde-antigo e lapis-lazuli com molduras de bronze lavradas. As columnas, comprehendidos os capiteis e bases, medem 19,2 palmos.

Além d'estas ha quatro pilastras, duas de agatha no arco, e as outras duas junto ao retabolo do altar, feitas de verde-antigo.

As columnas e pilastras assentam n'um pedestal que gira por toda a capella. A sua cimalha é de jalde-antigo; o dado de agatha; e a base e plinto de marmore antigo, corrido com filetes de bronze doirados.

O pavimento é de mosaico, figurando um tapete de flores, com cercaduras de varias côres, e representando no centro uma esphera armillar.

A capella mede de fundo vinte e tres palmos, e de largura vinte e dois; fechada por balaustradas de verde-antigo com ornatos de bronze lavrados e doirados, e duas meias portas no centro, tambem de bronze lavrado e doirado.

Dentro da capella ha duas portas lateraes, de cinco palmos de largo por dez de alto. As umbreiras, vergas, cimalthas e empenas são de verde-antigo. Teem cancellas de bronze em aprimorado relevo, tambem doirado.

A banqueta do altar assenta sobre uma urna do comprimento de 9,25 palmos, por cinco de alto e tres de fundo. É de lapis-lazuli o centro, e de espatho-vitroso os lados, com ornatos de bronze doirados.

Sobe-se para ella por tres degraus, sendo os primeiros dois de magnifico porlido roxo, e o terceiro de granito antigo do Egypto.

A banqueta é de cornelina com guarnições floreadas, e doiradas, de bronze, medindo 14,25 palmos de comprimento, e 2,75 de fundo.

Tres riquissimos quadros de mosaico adornam a capella.

O principal representa o baptismo de Christo por S. João no rio Jordão. E' tal a sua perfeição que a transparencia das aguas deixa ver os contornos e sombra dos pés do Salvador! Representa-se no desenho o Padre Eterno sobre uma nuvem acompanhado de tres anjos, e o Espirito Santo descendo em forma de pomba sobre a cabeça de Christo.

Este quadro mede de altura 17,85 palmos, e de largo 9,25. A moldura é de porlido e ornado de bronze doirado. Tem no remate um escudo de lapis-lazuli, com a abreviatura do nome de Jesus usada pela Companhia, em bronze; e aos lados do escudo duas cabeças de anjos, es-

culpadas em marmore de Carrara. Na architrave ha uma cruz de bronze doirada, tambem entre dois anjos feitos do mesmo marmore.

Os outros dois quadros ficam sobre as portas lateraes. Tem cada um de altura 10,3 palmos, e 8,03 de largura. As molduras são eguaes as do quadro principal.

O do lado do Evangelho representa a descida do Espirito Santo.

O do lado da Epistola significa a Annunciação.

Foram estes tres quadros de invenção e pintura de Agostinho Massucci, e attrahem os sentidos pela sua expressão, difficuldade das meias tintas n'este genero de mosaico, e suavidade do esbatimento.

Dois baixos relevos, de bello marmore de Carrara, estão collocados na archi-volta da abobada. Representa um a pregação de S. João Baptista, e o outro a visitação de Santa Isabel.

Continua.

### A MEU-IRMÃO

(C. A. MENDES LEAL, NA SUA SAÍDA PARA CABO-VERDE)

Cortado o coração de mil saudades,  
Para longe tu vaes irmão partir,  
Decisão de momento, irreflectida,  
Por força do destino vaes cumprir.

Este lar, esta familia, onde nasceste,  
Acalentado á voz de tanto amor,  
Vaes deixar corrigente o teu passado  
Nas torturas de tanta acerba dôr!

Uma a uma, essas magoas que te pungem,  
Que t'as chora calado o coração,  
Contal-as posso, entendo-as, são justas,  
Converso como estás thesouros são.

Calculo quanto custa deixar tudo,  
A que damos-na vida apreço e amor;  
Não ha phrases que digam taes desgostos.  
Nem ha prantos que afoquem tanta dôr!

Nos teus annos da vida primavera,  
Em que brotam esp'ranças mais e mais,  
É sempre doloroso, é sempre angustia  
Deixar apoz de si familia e paes!

São angustias, tormentos e saudades,  
D'onde os prantos rebentam d'escaldar;  
Mas tres annos não são a eternidade,  
Vae e volta p'ra mais nos não deixar.

Meu pobre irmão, desculpa os tristes versos  
Do teu mais que saudoso triste irmão;  
D'alma nascem, com elles vae minha alma.  
Só n'isso tem valor, que no mais não!

Adeus, irmão querido, adeus, amigo!  
De perto as orações te vão seguir;  
As aguas que tu vaes sulcar te sejam  
O baptismo feliz do teu porvir!



## A PERDIDA.

Nos abysmos d'esta vida,  
Toda vicio e perdição,  
Em que os beijos são vendidos  
Em que se compra a paixão,  
Onde é morto o sentimento,  
Onde mesmo o pensamento  
Só tem idéas do mal,  
Onde o pudor é chimera  
D'onde foge a primavera  
Deixando inverno infernal;

N'esta vida de miserias,  
N'este holocausto de dôr,  
Em que o luxo, raras vezes,  
Suppre o perfume do amor;  
N'esta vida desvairada  
Entre a lascivia passada,  
É torpe, é falso o prazer,  
Cada goso d'um instante,  
É um tormento incessante,  
Que nada o faz esquecer.

Quantas vezes embebidas  
Nos delirios sensuaes,  
Nos lembram com mil remorsos  
Os carinhos paternaes?  
Côm que profunda saudade  
Lembramos a tenra idade,  
E os castos brincos de então,  
Como lembra tudo e tudo,  
N'um gemido quasi mudo  
Do mirrado coração!

Se prantos então vertemos,  
Ai! ninguem d'elles se doe,  
Ninguem diz que uma perdição,  
É mulher e virgem foi!  
É uma coisa comprada  
Para ser utilizada  
Na precisa occasião,  
Extincto o desejo acceso,  
Não vale mais que o desprezo,  
Sem valer a compaixão.

Se alguma leva o arrojo  
Por bons instinctos que tem,  
A sonhar ternos amores,  
Só ganha em troca o desdem!  
Homens ha, que por vaidade,  
Cansados de variedade  
Vem ao negro lupanar,  
Fugindo do amor à lava  
Uma mulher, uma escrava  
N'este mercado comprar!

É esta a nossa existencia,  
Pode haver socego assim?  
Findarei eu, como todas?  
Terei o mesmo fim?  
Não sei, misera perdida,  
Se começada esta vida,  
Se pode inda recuar!  
Perdeu-me um louco desejo;  
Mas outro amor que antevejo,  
Talvez me possa salvar!

D'entre as trevas que negrejam  
No mirrado coração,  
Viva se até a scintella,  
D'uma intima paixão!  
Rasga-se um novo horisonte,  
E, mal sei eu como o conte,  
Fulge nas côres do amor,  
Tem luz que cega, e tão viva,  
Que sentindo-me captiva,  
Sinto um longe de pudor.

Olho em torno envergonhada,  
Quero o passado esquecer...  
É cedo ainda... é justiça,  
D'elle as magoas padecer;  
Ser não pode inda remida,  
Quem tanto tempo perdida  
No vicio torpe viveu,  
Soffre pois, ó consciencia,  
Seja a tua penitencia  
Este castigo do ceo!

Este amor, casto lampejo  
Da redemptora paixão  
Faz-me corar do passado,  
Vicio toda e perdição,  
Vejo agora o que é ternura!  
E como hoje a desventura  
Nunca me deu tanta dôr!  
Vingue o presente o passado,  
Possa este affecto elevado  
Remir o sordido amor!

MENDES LEAL (ANTONIO).

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.